

OS IRMÃOS BENSION E O ANTIJUDAÍSMO EM *UMA GRANDE MANCHA DE SOL* DE SULTANA LEVY ROSENBLATT

The Bension Brothers and anti-Judaism in Uma grande mancha de sol by Sultana Levy Rosenblatt

Alessandra F. Conde da Silva¹

RESUMO: Este artigo volta-se para o estudo do antissemitismo, destinado às crianças Bension, destacando como estas lidaram com o ódio e o preconceito, conforme se vê na obra de Sultana Levy Rosenblatt, **Uma grande mancha de sol**. Para tanto, utilizamos como suporte teórico as obras de Regina Igel (1997), Umberto Eco (2002, 2007), Samuel Benchimol (2008), Jonas Heller (2009), Jean Delumeau (2009), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Sultana Levy Rosenblatt, **Uma grande mancha de sol**. Antijudaísmo.

ABSTRACT: This article focus on the antisemitism study, intended for the Bension children, highlighting how they dealt with hatred and prejudice, as seen in Sultana Levy Rosenblatt's work, **Uma grande mancha de sol**. For that, as theoretical support, we use the works by Regina Igel (1997), Umberto Eco (2002, 2007), Samuel Benchimol (2008), Jonas Heller (2009), Jean Delumeau (2009), among others.

KEYWORDS: Sultana Levy Rosenblatt, **Uma grande mancha de sol**. Anti-Judaism.

Introdução

A partir do final do século XIX, um bom número de judeus sefarditas, oriundos de regiões do Marrocos, imigraram para a Amazônia. Em cidades como Belém, Manaus e Macapá, os judeus sefarditas se estabeleceram. No caso paraense, os sefarditas também fixaram residência no interior, nas cidades de Óbidos, Cametá, Abaetetuba e até mesmo em Bragança (BENCHIMOL, 2008).

Tornando-se uma comunidade forte e de grande relevância na Amazônia, os sefarditas legaram à sociedade médicos, professores, políticos e escritores. Sobre estes, destacamos os paraenses Sultana Levy Rosenblatt, Marcos Serruya, os amazonenses Leão Pacífico Esaguy e Paulo Jacob e o acreano Elias Salgado. Sultana Levy Rosenblatt, escritora paraense nascida em 1910 e falecida em 2007, é autora dos romances **Barracão** (1963), **Reviravolta** (1978) e **Uma grande mancha de sol**

¹ Professora de Literatura Portuguesa, UFPA, campus de Bragança. Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Coordenadora do projeto de pesquisa “Ecos sefarditas: judeus na Amazônia”. E-mail: afcs77@hotmail.com.

(1951). Rosenblatt não escreveu apenas literatura de temática judaica. Ela compôs crônicas sobre a história de sua família, quando da sua chegada e estabelecimento em terras amazônicas. Em **Como viemos parar na Amazônia**, há uma riqueza de detalhes sobre adaptações e dificuldades enfrentadas pelos imigrantes (ROSENBLATT, 2002).

No entanto Rosenblatt escreveu romances cujas temáticas abraçam o universo e o imaginário amazônico, nem sempre enfatizando a causa judaica, como em **Barracão**, mesmo que cintilações da cultura judaica estejam presentes neste livro. Segundo Bella Jozef (2009, p. 190), “o escritor judeu produz uma escrita judaica embora não trate especificamente de temas judaicos”.

Em **Uma grande mancha de sol**, ainda que as personagens principais não sejam judias, há cenas em que o universo judaico, assentado na Amazônia, embora disposto sub-repticiamente, ganha relevo, ou melhor seria dizer, o antissemitismo choca estridentemente. Dois episódios nos chamaram a atenção em **Uma grande mancha de sol**. Neles, duas das crianças Bension recebem tratamento antissemita. A violência das cenas reflete o ódio que os judeus receberam pelos séculos. Porém, mais do que apenas descrições da violência e do ódio destinados aos judeus, como a história do antissemitismo nos mostra, as

Cidade de Goiás, vol. 3, n. 1, p. 128-140, jul./2020

cenas assemelham-se ao vivido pela própria escritora. Ao lidarmos com as passagens de violência contra as crianças judias nas obras de Rosenblatt, uma vez que elas ecoam a história da presença do judaísmo na Amazônia, precisamos considerar dois elementos: o antissemitismo e a desconfiança para com o imigrante.

Umberto Eco (2007, p. 266) comenta que o antijudaísmo teve suas bases na junção do caráter religioso com o caráter étnico. Tal sentimento reverberou numa produção artística que valorizou o feio, o horrendo, o grotesco como composição da imagem do judeu. O feio logo foi ligado à ideia do mal, do maléfico, do monstruoso. Assim, “o rosto, a voz, os gestos do ‘feio’ judeu tornam-se (e desta vez a sério) sinais da deformidade moral do anti-semita” (ECO, 2007, p. 267, grifo do autor).

Para além da história e da cultura de ódio contra o judeu, vê-se que o imigrante muitas vezes é olhado com suspeição. Regina Igel (1997) comenta que no caso do antissemitismo em terras brasileiras, o judeu é marginalizado, não apenas por ser um imigrante que ainda não conhece os costumes nacionais, mas também por questões religiosas. A intolerância em relação ao imigrante judeu alicerçar-se-ia com bases na diferença de costumes e religião. Para Umberto Eco (2002, p. 115, grifos nossos),

o anti-semitismo pseudocientífico surge no decorrer do século XIX e transforma-se em antropologia totalitária e prática industrial do genocídio apenas em nosso século. Porém, não poderia ter nascido se não existisse há séculos, desde os tempos dos pais da Igreja, uma polêmica antijudaica e, *junto ao povo comum, um anti-semitismo prático que atravessou os séculos em qualquer lugar onde houvesse um gueto.*

A prática de marginalização do judeu logrou adeptos na Amazônia. Segundo Igel (1997, p. 163), “o marginal é o que está à beira de alguma coisa que lhe parece maior ou mais forte do que ele, desafiando-o na intenção de aderir ou integrar-se ao que essa coisa representa, por impedimentos de ordem pessoal ou coletiva”. O estrangeiro pode sentir-se um marginal por não se adequar à cultura da região para onde imigrou, da mesma forma, a diferença religiosa pode causar a marginalização do outro.

O antijudaísmo na Amazônia e o caso dos irmãos Bension

Lendo textos referentes à presença sefardita na Amazônia, vemos que há uma narrativa em comum: o relato sobre o antissemitismo.

O **Portal Amazônia Judaica**² apresenta alguns depoimentos sobre os judeus sefarditas e as suas vivências na Amazônia.

² Os artigos publicados no site **Portal Amazônia Judaica** não têm data de publicação. Nas referências, a respeito deste site, utilizamos o ano de 2009, que é o ano de criação do referido **Portal**. Disponível em: <http://www.amazoniajudaica.org/167563/Quem-somos>.

Em um deles, "**Fora Judeus": História de um conflito étnico em Macapá em 1911**³, de autoria desconhecida, vê-se que no Amapá ocorreram episódios de violência contra os judeus. Chamados de “brancos ensoados”, pela população local, por serem mais claros que os demais, os judeus também sofreram furtos em seus empreendimentos, sendo acusados de maltratarem os brasileiros que “estavam sendo roubados e humilhados pelos amaldiçoados que mataram Jesus Cristo” (FJ, 2009, p. 1). Neste texto, há o relato de uma altercação entre brasileiros amapaenses contra judeus radicados em Macapá. Sob o grito de “mata este judeu filho da puta” e “fecha essa baiúca”, comerciantes judeus precisaram do auxílio da polícia para conter os ânimos.

Jonas Heller (2009, p. 2, grifos do autor), no artigo "**Los Nuestros". Os marroquinos na Amazônia**, escreve que ocorreram eventuais episódios de intolerância para com os judeus sefarditas estabelecidos na Amazônia:

A primeira do Brasil independente ocorreu em 1832, durante a revolta paraense conhecida como Cabanagem, quando dois judeus e alguns ingleses foram mortos

³ Usamos neste trabalho a sigla *FJ* para o artigo "**Fora Judeus": História de um conflito étnico em Macapá em 1911**, de autoria anônima.

numa onda de xenofobia contra estrangeiros. Mas o horror, mesmo, ocorreu em 1901, nas localidades de Cametá, Baião, Mocajuba, Araquereruba, Mangabeira, Prainha, avançando pelas margens dos rios, onde os judeus tinham suas casas-armazéns, geralmente nos igarapés do "jacob", do "isaac" ou do "moisés". Foi quando ficou conhecido o episódio do "mata-judeu" e o massacre de Massauari, em Maués. Em Cametá, a anterior tranquilidade dos Sabbá transformou-se, repentinamente, em pilhagens e saques do comércio judeu, fazendo com que, na época, a comunidade buscasse refúgio em Belém.

Sobre acontecimentos antissemitas ocorridos em Belém, o professor Rubem David Azulay (2009, p. 1), em **História dos Judeus do Estado do Pará**, narrando memórias familiares, comenta que a prática comerciária dos regatões angariou o ódio de alguns comerciantes locais:

Nessa época, o comércio entre Belém e as outras cidades paraenses situadas nos Rios Amazonas e Tapajós era realizado, sobretudo, pelos "Coronéis de Barranco Cearenses e Nordestinos". Esse monopólio, entretanto, foi atingido pelos judeus que criaram os "regatões", ou seja, utilizavam batelões para o comércio entre Belém e as cidades do interior. Levavam mercadorias manufaturadas que eram trocadas por borracha, couros de animais silvestres, castanha, copaíba e outros. Essa concorrência despertou o anti-semitismo regional: "Morte aos Judeus" na cidade de Cametá e em outras cidades ribeirinhas. Os judeus marroquinos não desistiram e mantiveram-se ciosos de seu comportamento de modo a existirem nessa ocasião, as seguintes firmas: Leão Israel e Irmãos, Levy Marques e Cia,

Salomão J. Acris e Cia, Marcos Bensimon e Cia, e outros.

No romance de Abguar Bastos, **Terra de Icamiaba** (1934), mais que um sentimento antissemita, é a aparente xenofobia que ampara muitas vezes um discurso de ódio. Bepe, "herói regional" (SOUSA, 2016, p. 22), defensor da Amazônia, olha com rancor para o estrangeiro, sobretudo, o regatão, que expropria a terra ou que trapaceia e defrauda o homem local. Nesta obra, judeus, marroquinos e holandeses logram desaprovação pelas suas "nefastas e desonestas" ações no comércio: "Percorrendo os povoados, os regatões são velhos répteis, mudados, por sinistros condões, em barcos errantes. Bepe odeia-os. Despreza, igualmente, os que desviam sementes, frutos, fibras e óleos, para o vazio das sacolas cosmopolitas" (BASTOS, 1934, p. 41). Segundo Odenildo Sousa (2016, p. 65), o discurso xenofóbico é aparente, pois serve apenas para pôr em relevo as ações dos estrangeiros que agem ilicitamente:

Sobre os estrangeiros, o marroquino Amar, o judeu Calazar e o holandês expatriado Lazaril, importante dizer que, acima de tudo, são três malfeitores que vivem da exploração dos caboclos, aplicando golpes e enganando na prática do comércio. Vale lembrar que Bepe odeia estrangeiro nesse perfil. Aqui, então, se retoma o tema da aparente xenofobia. Por que aparente? É importante ressaltar que todo o enredo é uma peça de retórica que visa a envolver o leitor pelo convencimento e pela persuasão,

do que decorrem as cenas de forte apelo à razão e à emoção do leitor. Assim, não há xenofobia, mas sim a aplicação de recurso retórico por meio de cenas que simbolizam os interesses estrangeiros na região e a denúncia de espoliação e exploração levadas a efeito por coronéis sobre os pequenos proprietários da comunidade do Badajós. É, também, recurso retórico que visa a persuadir o leitor a aderir a determinadas ideias, como a de valorização da cultura regional dentro de uma nova visão estética e política, por meio de uma narrativa de forte apelo emocional.

Ainda que nesta obra as designações de ladrão, destinadas ao judeu, sejam apropriadas, pois, de fato, o personagem é desonesto, elas não deixam de refletir o tratamento costumeiro devotado ao hebreu. Bepe fala sobre Calázar, o judeu: “Calazar é um ladrão” (BASTOS, 1934, p. 58). Em outro momento compara-o a um morcego, quando de sua chegada sorrateira, pela noite e suas desonestidades, recorrendo, assim, às fórmulas comparativas do bestiário popular:

- Apareces, de noite, como os morcegos, não?
- O judeu aperta as pálpebras:
- Morcego, eu? Não é. Não chupo ninguém.
- Engoles o sangue bom desta gente que te tolera. E's [sic] um morcegão de azas [sic] bem negras. Um morcegão refinado que, mesmo sem olhos, não perde o rumo.
- Não é. Eu não tenho azas [sic]...
- Foram cortadas. Os teus pais tiveram medo que as sacudisses – rolariam as moedas que roubas dos incautos.
- O outro sente o ferrão de taxi.
- Porque me insultas?

- Porque és desprezível como os urubús [sic]. (BASTOS, 1934, p. 59).

Em **Um pedaço de lua caía na mata**, de Paulo Jacob (1990), o filho de Salomão sofre constante assédio moral na escola. Por vezes é chamado de “judeuzinho capado” (JACOB, 1990, p. 23) e é achincalhado pelos colegas. Sara, mãe de Jacó, diz ao marido Salomão: “Malineza dos colegas. Queriam tirar a calça de filho, para ver o troço cortado”. [...] Estava brincando mais uns outros, quando aconteceu essa vergonha. A professora Beatriz Maranhão mandou Jacó pra casa. Suspendeu os meninos por um mês”. (JACOB, 1990, p. 23). Nesta obra de Jacob, a professora intervém em defesa do menino. O episódio ainda reflete o sentimento antijudaico que a tradição popular reverberou. É Salomão quem resume tal tradição:

Tirar filho da aula, é o único jeito. Não quer mais escutar a voz da Torá. O pessoal na avacalhação a judeu. Até as moças implicam com filho. Judeuzinho capado. Judeuzinho errante. Como foi que matou a Cristo? Mentindo, inventando malinação de judeu. Porque não como porco. Jesus vinha andando em Jerusalém. Os judeus esconderam uns patricios. Começaram a rir. Perguntaram a Cristo o que tinha escondido no quarto. Porcos, respondeu. Os judeus pegaram a zombar de Jesus. Viu como não é filho de Deus. Quando abriram a porta, os porcos correram. Por isso judeu não come porco. E nada disso é verdade. Questão de higiene. Porco transmite lepra, outras doenças.

Também não come peixe liso.
(JACOB, 1990, p. 23).

Este exemplo literário reforça o terror pelo qual passaram muitas crianças e suas famílias judias na Amazônia, por razão dos levantes contra os judeus. Henrique Veltman (2005, p. 47, grifos do autor) relata o episódio do “me ceda”, narrado por Sultana Levy Rosenblatt:

A escritora Sultana Levy Rosenblatt, que vive hoje nos Estados Unidos, conta uma história iniciada em Muaná, na ilha de Marajó e completada em Belém.

"Meu avô David tinha um barracão e um dia apareceu na Capital fora de época. "Por que viera? Vim por causa da safra. Safra, agora, que safra? A safra do me ceda. Esta é a estação do me ceda, a grande safra. Me ceda um quilo de farinha, me ceda um quilo de arroz, me ceda querosene, me ceda aí um dinheirinho..."

"Em realidade, ele deixou sua casa não para escapar somente à safra do "me ceda", mas principalmente para evitar que a sua família ficasse exposta a um pogrom, que o povo chamava de "mata judeu".

"Embora não fossem atacados fisicamente, as mulheres e as crianças se apavoravam tanto que adoeciam. Meu avô contava que o pânico começava de manhã ainda cedo, quando ele podia perceber, pela quietude em volta, que alguma coisa terrível estava para acontecer.

Apressadamente, os donos do barracão escondiam as coisas mais valiosas. A mulher trancava-se no quarto com as crianças. O homem abria o Sidur (livro de rezas) e mergulhava nas orações. Quando o cão ladrava, o judeu preparava-se para o confronto. Os caboclos chegavam e atiravam-se com sanha à pilhagem. O dono da loja, mergulhado na leitura, fingia não

se aperceber do que estava acontecendo".

"Logo, porém, que o assalto terminava, ele agradecia a Deus ter-lhe salvo a família, e procurava esquecer tudo".

Cenas de terror e de violência marcaram a infância de muitos judeus, na Amazônia, como se vê na narrativa de Sultana Levy Rosenblatt. O ódio ao judeu fica notadamente marcado. Regina Igel (1997, p. 165) comenta que os judeus sofreram, ao longo da história, perseguições e violências físicas e/ou psicológicas, em várias partes do mundo. No Brasil, não foi diferente. O antissemitismo, em terras brasileiras, por mais que não tenha logrado grande expressividade, pode ser visto em vários momentos da história nacional. “Focos de expressões antijudaicas” (IGEL, 1997, p. 167) surgem, eventualmente, quer por causas políticas, quer religiosas ou por outras causas, ainda que efêmeras:

Uma atitude de rejeição coletiva aos judeus ingressou no território brasileiro com o espírito da Inquisição portuguesa. As atividades persecutórias do Santo Ofício moldaram e estimularam sentimentos antijudaicos na população colonizada por Portugal, desde 1536, data da instalação da representação local da Inquisição. O amortecimento da perseguição inquisitorial não impediu que focos de expressão antijudaicas voltassem a aparecer pelo território nacional mesmo depois da sua suspensão. Em tempos atuais, conforme noticiário da imprensa, o antissemitismo expressa-se em paredes e vias públicas, muros de escolas,

creches, casas e sinagogas, através de desenhos de suásticas, e palavrório torpe, além de atividades como incineração de símbolos judaicos, provocações e espancamento de indivíduos. (IGEL, 1997, p. 167).

Ajudaram a aumentar o sentimento antijudaico a Malhação de Judas e a lenda do Judeu Errante, evento e narrativa ligados ao catolicismo. Salomão, de **Um pedaço de lua caía na mata**, alude à lenda ao descrever como o seu filho era chamado: “judeuzinho errante” (JACOB, 1990, p. 23). O tema do judeu errante ganha expressividade na tradição oral e na literatura em geral. Segundo Marie-France Rouart (1998, p. 667),

valorizado por sua dupla história, humana e teológica, o Judeu errante fascina tanto por sua fábula como por seu discurso: ele está ligado à cultura popular, que procede por identificação com o réprobo, da mesma forma que à cultura erudita. Cada autor pode ver nele, de fato, o porta-voz de uma ideologia ou de uma controvérsia.

Curiosamente, no conto “Judas-Ahsverus”, Euclides da Cunha interliga duas figuras da tradição cristã, Judas Iscariotes, o traidor de Cristo, e o judeu errante: “E Judas feito Ahsverus vai avançando vagarosamente para o meio do rio” (CUNHA, 1999, p. 56). Já dissemos em outro lugar que

ainda em tempos medievais, houve a divulgação da lenda do judeu errante, do qual o judeu Caifás, da *Demanda*, derivaria. Segundo a lenda, Ashver era um sapateiro da Via Dolorosa que foi condenado a perambular eternamente pelo mundo por escorraçar Cristo de sua porta. A condenação é brutal, prenunciando a tragédia judaica de um povo errante, que a partir do século XIX ganha maior exposição. Este personagem obteve com o tempo outros retratos que o aproximaram da imagem do feiticeiro, e de Anti-Cristo como vê-se, por exemplo, na literatura de cordel nordestina, como comenta-nos Jerusa Pires Ferreira (2000). (CONDE-SILVA, 2019, p. 1).

Importa-nos esta temática, pois numa semana santa, em plena Malhação de Judas, uma criança será violentamente atacada por ser judia, como se vê no romance **Uma grande mancha de sol**, de Sultana Levy Rosenblatt. A Malhação de Judas corresponde a uma tradição ibérica que consiste na representação da morte de Judas, o traidor de Cristo. Em algumas localidades, o boneco é surrado e/ou, então, queimado, no sábado de Aleluia. Na narrativa de Rosenblatt, o alvo de tanto ódio são os irmãos Bension, Míriam e Elias, dois dos filhos de uma numerosa família judia, vizinha de Maria Angélica. Esta nutre grande paixão pelo filho mais velho da família Bension, Álvaro, tornando-se defensora das crianças judias. Elias, o quarto filho, gostava de empinar papagaios, correndo pelos terrenos alheios. Mariana,

que trabalhava na casa de Maria Angélica não gostava dele. Dedicava aos judeus toda a sua frustração e mágoa e com dolos lançava-se contra eles:

Mariana derivava para os judeus a sua revolta, atirando sobre eles as mágoas que poderiam envenená-la se as recalasse. Tudo o que era casca de fruta, tudo o que era lixo, jogava para a casa dos judeus; vivia desafiando as criadas deles, em indiretas e modinhas; quando as de lá cantavam, ela cobria-lhes a voz, repetindo mais alto a mesma canção, ainda que fosse o hino sionista, que umas e outras desafiavam, em tom de ladainha. Um dia, ao atirar para lá uma galinha morta, foi surpreendida por Elias; subindo ao muro, ele cavalgou-o, jogou primeiro a galinha sobre ela, e depois, comendo um cupuaçu, como quem não estava fazendo nada, fingindo-se distraído, atirava os caroços chupados, alternativamente, na carapinha dela, e na parede dos fundos da casa. Mariana gritava-lhe palavrões e ele, inalterável, continuou, até findar a fruta, o seu trabalho de paciência, arrumando letras com os caroços que se esparramavam no muro, até formar uma palavra que escandalizou Mundica quando a leu. (ROSENBLATT, 1951, p. 57-58).

Mas o pequeno Elias não sofria retaliações apenas pelas mãos de Mariana. Num sábado de Aleluia, ao sair da Sinagoga, Elias, irmão de Míriam, recebe uma pedrada na testa, em plena malhação do Judas, prática cultural comum em muitos lugares no Brasil, fñcada em costumes antijudaicos. Angélica, a protagonista da história, vê quando os garotos que malhavam o Judas, na rua, trocaram o boneco, pelo pobre Elias, Cidade de Goiás, vol. 3, n. 1, p. 128-140, jul./2020

que voltava da Sinagoga, como em todos os sábados, porém dessa vez vestido de novo da cabeça aos pés, com um marujo azul marinho, completado pelo gorro de polimento em cuja fita se lia, em letras douradas, na frente, “Rio de Janeiro”, e com as pontas recortadas em V, abanando sobre a orelha esquerda. Num momento o gorro virou bola atirado de uns para outros, e logo surgiram no ar a gravata, a gola do marujo, enquanto Elias, furioso, defendendo o livro de encontro ao peito, debatia-se em luta com uns quatro garotos.

Maria Angélica torcia nas mãos, nervosa, a corda com que pulava no jardim, até vir olhar a barulheira com o Judas. Cobriu os olhos horrorizada, quando, Elias retirando a mão da testa onde lhe acertaram uma pedrada, ela viu o sangue escorrer. (ROSENBLATT, 1951, p. 61).

Esta cena é eivada de sentimento antissemita e de violência gratuita. Tanto Mariana, quanto os quatro garotos representam a desafeição e a hostilidade para com o judeu. Segundo Regina Igel (1997, p. 164, grifos da autora),

O anti-semitismo é o invólucro geral em que se reconhece o mecanismo da marginalidade contra os judeus [...]. O tradicional termo “anti-semita” tem sido substituído por expressões como “antijudaísmo” e “anti-sionismo”. Enquanto “anti-semitismo” e “antijudaísmo” indicam ojeriza pelos judeus em geral, os anti-sionistas se revelam contrários àqueles que acreditam nos direitos de Israel como estado estabelecido legalmente.

Mariana não destina o seu ódio apenas para o pobre Elias. A menina Míriam, irmã de

Elias, recebe aflita a aversão de Mariana e de D. Santa. Esta muitas vezes a enxotava de sua casa dizendo-lhe: “Sai daqui, judia” (ROSENBLATT, 1951, p. 78). Mas a menina sempre voltava para ver e ouvir Angélica tocar piano. Mariana, ao contrário, era mais cruel que D. Santa. À menina dizia: “– Beija Nosso Senhor. Olha como ele está todo ferido e com uma coroa de espinhos. – De espinhos? – perguntava a criança aflita. – Quem botou? – Foi tu, teu pai, todos os judeus” (ROSENBLATT, 1951, p. 78). Notemos que a menina é inicialmente aliciada a contemplar um quadro de Jesus. Em seguida, com um beliscão, é forçada a beijar a imagem do deus cristão. Marginalizada por Mariana, Míriam foi compelida a uma suposta rendição ao cristianismo. Restou-lhe fugir da crueldade de Mariana. A religião foi a causa para o antissemitismo em **Uma grande mancha de sol**.

Maria Angélica não tinha a mesma atitude antijudaica. Ao contrário, é apaixonada pelo vizinho Álvaro Bension, irmão mais velho de Elias e Míriam, o que gera ainda mais o ódio de Mariana e a desaprovação de D. Santa que “andava contrariada com essa amizade, e vingava-se hostilizando Míriam” (ROSENBLATT, 1951, p. 84). Mariana evitava chamar Maria Angélica quando Álvaro Bension estava ao portão. Mesmo com o passar dos anos, tendo sido Maria Angélica mandada para um colégio

interno, pela mãe, que a queria livrar da amizade com o vizinho judeu, Mariana reafirma a sua atitude contrária ao rapaz Bension: “Se calhá a senhora não sabia, ou pensava que era o daqui de junto... Se fosse, eu lá ia lhe chamar?! Adonde, então! Tá praquele judeu, uma figa! T’esconjuro!” (ROSENBLATT, 1951, p. 122). Ao esconjurar, compara-o ao demônio, prática usual desde a Idade Média (FELDMAN, 2007, p. 5).

D. Santa, ao notar que a menina Míriam ia todas as tardes à sua casa para ouvir Maria Angélica tocar o piano, procurou afugentar a criança. Às vezes, fechava a porta na cara da menina, outras vezes dizia com “secura” (ROSENBLATT, 1951, p. 78) que Maria Angélica encontrava-se ocupada. Um dia foi mais firme e violenta:

A título de brincadeira, puxando-lhe uma orelha, ameaçou-a:

- Vou mandar batizar esta judiazinha. Agora é filha de Maria Angélica...

A criança ri contrafeita: - Eu já sou batizada...

- Como então, se vocês são judeus?! Tua mãe nasceu aqui, ou é de lá?

- Lá onde?! – perguntou Míriam curiosa.

- Lá...

- Não sei qual é esse lá – protestou Míriam, irritada, sentindo que o “lá” significava qualquer coisa pejorativa, pelo modo desdenhoso com que D. Santa dizia. Mas D. Santa sabia apenas que deveria existir um “lá” onde nasciam judeus, ignorando porém que lugar do globo ocupava e o nome que teria... (ROSENBLATT, 1951, p. 79, grifo da autora).

A manifestação do desconhecimento, a propósito da história e da cultura judaicas, reflete o desprezo com o qual D. Santa tratou Miriam. Mariana e D. Santa odeiam o que não conhecem, o que está em desacordo à sua cultura religiosa. Os judeus são o “outro”, o não cristão, vindo de um lugar não sabido, um lugar de onde “nasciam judeus” (ROSENBLATT, 1951, p. 79). Segundo Jean Delumeau (2009, p. 415), desde a Idade Média, a Igreja foi responsável por um sentimento antijudaico que incluía as raias populares, produzindo um “racismo religioso”, pois os judeus sempre foram vistos como

usurários ferozes, sanguessugas dos pobres, envenenadores das águas bebidas pelos cristãos: assim os imaginavam frequentemente os burgueses e o povo miúdo urbano no final da Idade Média. Eles são a própria imagem do “outro”, do estrangeiro compreensível e obstinado em uma religião, dos comportamentos, de um estilo de vida diferente daqueles da comunidade que os recebe. Essa estranheza suspeita e tenaz apontados como bodes expiatórios em tempos de crise (DELUMEAU, 2009, p. 415, grifo do autor).

Mariana e D. Santa riam-se dos costumes judaicos. Para D. Santa, “esses judeus são engraçados...” (ROSENBLATT, 1951, p. 60). Ela ria da cerimônia do *shabat*, da oração dita em hebraico, pelo pai que estava “à cabeceira da mesa”, a véspera do sábado de Aleluia, dia em que Elias foi, covardemente, ferido, apenas por ser judeu.

As duas personagens antijudaicas não se aquietaram até que afastaram Maria Angélica de seu querido Álvaro Bension, apelido de Baruch Bension, nome com o qual foi “batizado e registrado” (ROSENBLATT, 1951, p. 88), ainda que sempre o tivesse conservado em sua mente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos nos depoimentos dos sefarditas, dispostos no **Portal Amazônia Judaica**, algumas das altercações contra os judeus, se deram por razões econômicas. Para Delumeau (2009, p. 416), “invejas e razões de queixas econômicas e financeiras motivaram, em mais de um caso, ações antijudaicas pontuais nas quais as acusações de ordem religiosa não serviam senão de pretexto”. Samuel Benchimol (2008, p. 101) fala sobre alguns episódios antissemitas tanto movidos por causas religiosas. Numa sexta-feira da paixão, alguns caboclos no Amazonas, influenciados pelo sermão do padre, agrediram famílias judias:

[...] naqueles tempos era muito comum os padres fazerem pregação contra os judeus – *os perversos judeus* - nos dias de sexta-feira da Paixão, que estimulava movimentos populares: todas as sinagogas amanheciam, no dia do sábado de Aleluia, com o boneco-espantalho de Judas, pendurado na porta ou nos postes, para serem malhados e queimados. (BENCHIMOL, 2008, p. 102, grifo nosso).

Além disso, Benchimol (2008, p. 85-86) apresenta também a riqueza e o comércio como condição para o ódio destinado ao judeu. Sendo os primeiros regatões na região, os judeus angariaram a animosidade de muitos comerciantes, jornais e oligarquias locais. O antissemitismo alcançou até mesmo os turcos que substituíram os judeus como regatões. Comum tornou-se chamar o judeu de ladrão. Na crônica **Antigamente era assim**, Rosenblatt descreve um episódio de antissemitismo, vivido na infância, expressando a dura realidade pela qual passaram os judeus na Amazônia:

Frequentei por algum tempo um grupo escolar no Pinheiro (Icoaraci) quando minha família passou lá uma temporada. Não havia escolas particulares no Pinheiro. Ia-se para o Grupo ou ficava-se sem estudar. Acho que fui matriculada começando o terceiro ano. Logo na primeira aula a professora escreveu no quadro negro – Passem para o masculino as seguintes palavras: Sultana – Judia – Ladra – Galinha. Tomei um choque. Eu era Sultana e era judia, mas não era ladra de galinha. Mas fiz que não me apercebi. As meninas ao redor, perguntavam baixinho: “Como é o masculino de

Sultana?” – e eu respondia no mesmo tom – “Sultão”. Fui para casa assustada. Não contei nada a ninguém, mas passei a noite e dia pensando porque razão a professora escolheu meu nome ligando-o a ladra e galinha. Com a emoção adoeci e só muitos dias mais tarde voltei para a escola. A professora me recebeu amavelmente, perguntou a causa da minha ausência. Fiquei tranquila, não era a inimiga que me assustou. (ROSENBLATT apud COELHO, 2018, p. 41).

A relação entre ser ladra e judia reforça o perfil depreciativo destinado ao judeu na Amazônia. Benchimol (2008, p. 86) fala do “tipo-hebraico” como “insensível e expoliador”. A designação insultuosa chegou até a menina Sultana. Talvez marcada por este episódio torpe e cruel, vivido na infância, a escritora Sultana tenha procurado mostrar, em **Uma grande mancha de sol**, cenas bastante comuns a muitas crianças judias. O ódio ao judeu não desprezou nem mesmo os pequenos inocentes, fazendo “o sangue [...] escorrer da fonte de Elias, pela culpa de ter nascido judeu...” (ROSENBLATT, 1951, p. 160).

REFERÊNCIAS

- AZULAY, Rubem David. História dos Judeus do Estado do Pará. **Portal Amazônia Judaica**. 2009. Disponível em: www.amazoniajudaica.org/site/detail/detail/detailDetail.asp?detail_id=3189822&printDesignBOO=1. Acesso em 5 de agosto de 2019.
- BASTOS, Abguar. **Terra de Icamiba**: romance da Amazônia. 2.ed. Rio de Janeiro: Adersen Editores, [1934].

- BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia**. Os judeus na Amazônia. Manaus: Valer, 2008.
- COELHO, Marinilce Oliveira. A arte da lembrança: A literatura de Sultana Levy Rosenblatt na Amazônia. **Faces da história**, Assis-SP, v.5, n.º 2, p. 31-46, jul.-dez., 2018.
- CONDE-SILVA. Alessandra F. Iconografia do judeu na Amazônia. **Hispanista**: Revista Electronica de los Hispanistas de Brasil (Edição em português). v. XX, p. 10-11, 2019.
- CUNHA, Euclides da. **À Margem da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**. 1300-1800: uma cidade sitiada. Tradução de Maria Lúcia Machado. Tradução de notas de Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ECO, Umberto. As migrações, a tolerância e o intolerável. In: **Cinco Escritos morais**. 6ª ed. Tradução de Elianor Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- ECO, Umberto. **História da Feiúra**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do Diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. **Fênix**: Revista de História e Estudos Culturais. Uberlândia, a. IV, n.2, abril/maio/jun 2007, pp. 1-14.
- FORA JUDEUS. História de um conflito étnico em Macapá em 1911. **Portal Amazônia Judaica**. 2009. Disponível em: www.amazoniajudaica.org/site/detail/detail/detailDetail.asp?detail_id=3189799&printDesignBOO=1. Acesso em 5 de agosto de 2019.
- HELLER, Jonas. "Los Nuestros". Os marroquinos na Amazônia. **Portal Amazônia Judaica**. 2009. Disponível em: www.amazoniajudaica.org/site/detail/detail/detailDetail.asp?detail_id=3189844&printDesignBOO=1. Acesso em 5 de agosto de 2019.
- IGEL, Regina. **Imigrantes judeus, escritores brasileiros**: o componente judaico na literatura brasileira. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- JACOB, Paulo. **Um pedaço de lua caía na mata**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1990.
- JOZEF, Bella. O olhar judaico: memória e testemunho. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. **Identidade e cidadania**: como se expressa o judaísmo brasileiro [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, p. 189-197.
- ROSENBLATT, Sultana Levy. Como viemos parar na Amazônia. **Revista Morashá**. Edição 30, setembro de 2000. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/brasil/como-viemos-parar-na-amazonia.html>. Acessado em: 27 de março de 2019.
- ROSENBLATT, Sultana Levy. **Uma grande mancha de sol**. Rio de Janeiro: Livraria- Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.
- ROUART, Marie-France. O mito do Judeu Errante. In: BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Tradução de Carlos Sussekind [et al.]. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 665-671.

SOUSA, Odenildo Queiroz de. **Abguar Bastos e Terra de Icamiba, romance da Amazônia: uma educação para a brasilidade**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas.

VELTMAN, Henrique. **Os hebraicos na Amazônia**. Março/2005 – Disponível em: http://www.comiteisraelitodoamapa.com.br/sc/upload/files/Os_Hebraicos_da_Amazonia.pdf. Acesso em 5 de agosto de 2019.